

Da duração do reinado no império da mídia: (mais questões sobre memória da canção)

Heloísa de Araújo Duarte Valente
Instituto de Artes - Unesp
Programa de Pós-Graduação em Música
e-mail: whvalent@terra.com.br

Sumário:

O presente texto pretende lidar com questões relativas à memória musical e sua vida no âmbito de uma cultura das mídias. Posto que o papel dos meios físico-tecnológicos (televisão, rádio, disco, Internet) determina a longevidade de um determinado gênero musical ou obra; busca-se compreender como são processadas algumas estratégias (muitas extra-musicais) e alguns aspectos simbólicos que vêm a contribuir para tecer a malha sónica que faz a canção oscilar entre memória-esquecimento. Posto que é a canção a modalidade musical mais presente no cotidiano, entende-se que esteja diretamente atrelada às formas de sensibilidade do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: canção – mídia – memória – percepção – paisagem sonora – educação.

Introdução

Este texto faz parte de uma pesquisa que venho realizando, há longa data, sobre a canção das mídias, em suas várias formas de apresentação, com destaque para a produção veiculada no disco, no rádio e em programas de televisão. Considero que as formas de recepção e as qualidades das condições de escuta em local fixo (*home theatre*), ou em movimento, por intermédio de aparelhos portáteis, como o *walkman*, I-Pod são elementos importantes para a diagnosticar as mudanças de sensibilidade e de comportamento ante as diversas músicas, num dado intervalo de tempo. Enfim, busco saber, em que medida, a cultura das mídias, em sua característica efemeridade, é capaz de criar signos longevos ou, ainda, trazer à tona obras que se acreditavam sucumbidas no esquecimento. Os pressupostos teóricos partem, em grande medida, de Paul Zumthor (1997, 2005, entre outros) e R. Murray Schafer (1991, 2001) que lançaram, respectivamente os conceitos de *performance*, *movência*; e *paisagem sonora*, *esquizofonia*. Este trabalho traçará considerações acerca do programa de televisão *Rei Majestade*, circunstanciado com uma entrevista dada pelo compositor Chico Buarque, no jornal Folha de S. Paulo.

Situação 1: O rei da crítica

Em entrevista que causou muito alvoroço no meio jornalístico¹, indagado se percebia interesse, por parte do público mais jovem, pela sua obra; se este demonstrava mudanças na recepção, Chico Buarque afirmou, claramente:

Mudou muita coisa. Para as pessoas mais velhas, da minha geração e de gerações mais próximas à minha, as músicas costumam ter história, lastro, estão ligadas à vida de cada um

¹ Datada de 6 maio de 2006, foi uma das manchetes da Folha de S. Paulo. A entrevista, de 2 páginas (Caderno Ilustrado, pp. E 4-5), dá destaque às opiniões acerca do presidente da república: o cantautor votará em Lula, novamente. Evidentemente, não é a passagem que interessa a este texto.

ou relacionadas a momentos do país. É comum ouvir ‘isso me lembra as Diretas-Já, isso me lembra Geisel, isso me lembra o Festival da Record’. Para a garotada não há nada disso. Para eles sou músico de um passado só, de um tempo só. Outro dia um jovem me disse: ‘Adoro aquela sua música’. ‘Qual?’, perguntei: ‘Com Açúcar, com Afeto’ (risos). A música tem 40 anos!

Este veterano da denominada MPB notabilizou-se pela qualidade intrínseca de suas canções que, em grande parte, ele compõe integralmente (letra e música) ou em parcerias reconhecidas, ilustres (Milton Nascimento, Ruy Guerra, Francis Hime...). Sua carreira consolidou-se num período em que vigorava a ditadura militar. Para serem aprovadas pela censura, as canções tinham de urdir-se com textos metafóricos – o que, em grande medida, favoreceu a composição obras de maior elaboração formal². Muitas vezes, a execução pública das canções atrelou-se, simbolicamente, a determinados eventos, sobretudo políticos. O forte impacto no meio social, diante da (re)pressão dos *anos de chumbo* acabou por reforçar traços no imaginário coletivo, que se perenizaram na memória cultural.

Situação 2: os reinados de passagem

Sob o lema “Quem foi **Rei** nunca perde a **Majestade**”³ e o pretexto de uma “celebração do encontro das músicas do passado com as canções do presente”, o empresário Senior Abravanel, o Sílvio Santos, introduz, no ano de 2006 em sua emissora de televisão, um novo programa, comandado por ele mesmo, destinado a uma nova (?) fatia do mercado musical (e seus adjuntos): *Rei Majestade*. Levado ao ar semanalmente, em horário nobre, a nova investida do empresário-apresentador anuncia premiar, com a gravação de um disco compacto (CD), além de dinheiro, o vencedor da competição, que é escolhido pelo público, através de votação pela Internet, ou por telefone (ligação paga). Interessou-me conhecer a formatação do programa e quais os critérios utilizados para definir os pré-candidatos ao “mais alto título da realeza” e as razões que embasam a escolha. Mais: que critérios estão sendo adotados para *medir a juventude* ou *velhice* de um sucesso e seu intérprete.

Antes de tudo cabe, então, descobrir: Quem são os veteranos candidatos? Que critérios precisam preencher para candidatar-se? Informa a página da Internet do programa: estão aptos a participar cantores que tiveram seus dias de glória entre as décadas de 1950 até início da de 1980. Em cada programa, “*Sílvio Santos traz cinco nomes; ao final, (...) o auditório escolhe qual o melhor da noite que será **presenteado** com uma Coroa de Prata*” (grifos meus).

Os candidatos surgem de todos os gêneros e épocas, não apresentando, aparentemente, nenhuma similaridade, salvo a disposição para se submeter à competição: Ademilde Fonseca, Lady Zu, Demônios da Garoa, Luiz Caldas, Genival Lacerda, Márcio Greyck ou Francisco Petrônio encontram-se num mesmo patamar de comparação, a despeito de todas as suas diferenças artísticas e de público – que não são poucas. Aparecem em cena duas vezes, num mesmo dia: primeiramente, apresentando seu *hit*, com a presença de uma *big band* (ao fundo do palco, imóvel). Numa segunda entrada, um videotape com notas biográficas e singularidades da vida privada são apresentados, antecedendo a segunda prova: cantar uma canção recente, sucesso de outro intérprete. Antes disso, Sílvio Santos, portando seu arcaico microfone-*sorvetão-casquinha* do qual não consegue se desvencilhar; ainda que com os movimentos contidos com a fixação do aparato, tal como um

² Observe-se que, via de regra, a censura recaía sobre as letras, a música passando despercebida pela polícia do pensamento.

³ Os grifos constam da página do Sistema Nacional de Televisão (SBT) na Internet. As outras citações acerca do programa, elaboradas pelo SBT foram copiadas do mesmo endereço.

aparelho ortopédico, anima a platéia (suas *colegas de trabalho*), propondo perguntas prosaicas e até intimidadoras ao candidato⁴.

Percebe-se claramente, na primeira prova, que o que se ouve é a gravação que *emplacou* nas paradas de sucesso. O cantor, pateticamente, dubla a si próprio, e a câmera, em primeiro plano, capta a falta de sincronia entre os movimentos labiais, a respiração e o som dos alto-falantes. Na segunda parte da competição, o cantor é acompanhado da *big band* e põe a ouvir sua voz atual, aparentemente sem retoques. (E as mudanças ou constâncias em relação à voz do passado às vezes surpreendem...) Sim! É preciso lembrar que há chamadas com a voz *acusmática* em *off*, do misterioso Lombardi. Essa presença invisível que toma conta da sala somada ao apresentador e seu *microfone-sorvetão* imprime a marca indelével que caracteriza os programas do empresário. Cria-se assim, uma espécie de *continuum* entre Rei Majestade e todos os outros programas de calouros engendrados por Abravanel. Estabelece-se, curiosamente, uma certa *familiaridade* e Lombardi é menos fantasma que os concorrentes soterrados no esquecimento.

Sobre a realeza cantante e as paradas de sucesso: de barõezinhos a imperadores

Se, para os estudos sociológicos ou comunicacionais, a análise de um programa como esse, possa ser objeto de estudo sério (audiência, sociabilidade de grupos etc.), no domínio dos estudos musicais, a tarefa é menos freqüente, pois parece tratar de algo corriqueiro e desimportante... os raros estudos objetivam, geralmente, a apreensão da composição musical, em si, e suas formas paródicas e parafrásicas. No entanto, não é o que interessa aqui. Antes disso, busca-se encontrar novos indícios que permitam compreender os determinantes que fazem com que certas peças musicais e seus intérpretes permaneçam *vivos na mídia*, ou não. Passemos, assim, a algumas comparações necessárias.

No primeiro caso, temos um depoimento de Chico Buarque, um dos nomes mais sólidos no universo da música brasileira (popular). Respeitado pelos seus pares, reverenciado pela crítica, mantém sua produção artística desde seu sucesso de juventude, *A banda*. Permanece presente na mídia, mesmo quando não está compondo; é procurado para entrevistas, escreve livros, tem suas canções gravadas por outros intérpretes... Sem correr atrás do circuito das cele(b)ridades, acaba sendo absorvido por aquele, que procura, com isso, realimentar essa máquina de baixa digestão. Sob o aspecto musical, Chico Buarque tornou-se um *clássico*, no domínio da denominada canção popular. Sua obra mais representativa data de algumas décadas e, não obstante, o sucesso mantém-se, como se se tratasse de obra recente.

No segundo caso, temos uma constelação de astros de pouca luminosidade, ou de veteranos que não conseguiram orientar sua carreira de maneira a sustentá-la ante o surgimento de novas modas e modismos. É o caso de Ademilde Fonseca, Francisco Petrônio ou até os Demônios da Garoa⁵. Francisco Petrônio mantém sua agenda de apresentações, geralmente dedicada a um público que compartilhou sua juventude com a dele. São, portanto, pessoas que, a partir do repertório, revivem os *verdes anos*, através de memórias – musicais, neste caso. Petrônio soube criar um nicho no mercado e dele sobrevive, com bastante vitalidade, para os seus mais de oitenta anos de idade. Ademilde Fonseca mostrou-se *prafrentex*: Disse, na breve entrevista a Sílvio Santos, que estava aberta para as novidades. Como *prova* disso, cantou, na prova com voz ao vivo, *É o amor*, insistente *hit* do repertório sertanejo.

⁴ Por exemplo: ao entrevistar rapidamente Ademilde Fonseca, Sílvio Santos perguntou-lhe se era capaz de ler e memorizar o texto da nova (?) canção – sugerindo, quase diretamente, que negasse que não era uma *velha esclerosada*, caduca, mas *prafrentex*...

⁵ Ressalte-se que se trata de um agrupamento musical onde já participaram vários músicos; ocorre uma certa rotatividade na sua formação, diferentemente dos cantores solistas.

No subgrupo de estrelas pálidas, temos os intérpretes de (praticamente) um só sucesso: Márcio Greyck, Cláudia, Joelma, Luiz Caldas e alguns outros. Conseguiram levar às paradas de sucesso, às vezes traduções do repertório internacional, como canções-tema de filmes, sucessos na Broadway (*Não chores por mim, Argentina*, por Cláudia), tema de novela (*Tieta*, por Luiz Caldas). Praticamente, nestes casos, ocorre uma simultaneidade de circunstâncias que reforçam a presença de tais obras na mídia. Excluída esta reiteração insistente, o intérprete naufraga no esquecimento, juntamente com o fim do sucesso do seu *hit*.

Porque esses reinados e impérios interessam ao estudo da música

Se existem fatores subsidiários que contribuem para o sucesso ou insucesso de uma canção (lembre-se que os investimentos da gravadora, por ocasião do lançamento de discos e a promoção de shows têm peso considerável para a reiteração do artista, que é quase uma marca comercial...), não se pode negar que algumas variáveis dizem respeito à própria criação de modas e sua sustentação. Por que gêneros como samba-canção e o bolero tiveram forte presença durante décadas e voltam com força depois de um certo ostracismo? Por que a lambada não se estendeu posteriormente ao governo Sarney? Verifica-se, de fato, uma oscilação dos gostos. Vale reproduzir o depoimento de Buarque, na entrevista já citada:

Nos anos 80, em determinado momento que uma parte expressiva da mídia flertou com muito entusiasmo com uma certa idéia de internacionalização da cultura e de desbunde com o mercado, parecia que a música da gente já era. Nacional, só rock e olhe lá. Eu fui considerado completamente ultrapassado. Depois voltou. Daqui a pouco pode ser que não interesse mais.

E a que se devem essas variações tão fortes? Seria ingênuo atribuir estas oscilações entre aceitação e recusa; memória e esquecimento apenas aos fatores aqui mencionados. Há implicações de natureza diversas e lançadas em vários vetores, que vão desde o processo de circulação nas *majors* (a canção, aqui, tratada como mercadoria), o pertencimento ou não a um conjunto de bens simbólicos, as implicações a imperativos do (in)consciente coletivo, imposição de ideologias etc..

O que não se pode deixar de lembrar, em momento algum é que, em grande medida, as oscilações a que se refere Chico Buarque existem em virtude de uma falta de educação da escuta, da sensibilidade auditiva e musical. O peso dessa falta de aprendizagem traz conseqüências profundas: é o público que não passou pela educação musical (em casa, na escola, na comunidade) que vai julgar e decidir quem será o Rei Majestade. Quais serão seus critérios? O que mais agrada, o que tem maior empatia com *aquele* auditório ao vivo e via satélite. Aceitam-se mais rapidamente a repetição, a rima fácil, o ritmo mais propício para a dança. Muito provavelmente *cairá* Francisco Petrônio, e *ascenderá* Luiz Caldas ou Eduardo Araújo...

Velhice, aos 20?

O mundo pós-globalização parece ter trazido uma curiosa inversão de valores: se, de um lado, o homem passou a viver mais e conseguiu, com razoável sucesso, *combater* os efeitos do envelhecimento físico, de outra parte, o mundo no qual vive parece envelhece rapidamente. Signos de efemeridade, precisam de reforços memoriais para que permaneçam no *modus vivendi*. A mídia jorra signos que se esparramam à beira da *incomunicação*. O turbilhão de dados que por ela escoam, não chega a transformar-se em informação, em signos percebidos, vividos processados pela mente que interpreta. O tempo de circulação dos fatos da mídia não coincide com o tempo da apreensão sensível (ou, pelo menos, este nível ainda não passou por um processo de adaptação, ao que parece...). O que circula na mídia é altamente volátil, dificilmente se sustentando por longo tempo. O mesmo ocorrerá no universo da música representado, sobretudo, pela canção – e seus intérpretes. Roberto Carlos conseguiu manter-se como Roberto Carlos graças a um lastro cultural que pleiteia

sua presença, mas também pelos mecanismos de rememoração na mídia. Gardel, Hendrix, Elvis e Lennon fazem, talvez, mais sucesso agora do que na época em que estavam vivos...

De outra parte, fala-se, já, nos *idos anos 80* com saudosismo. E só se passaram 20 anos! Sinais perturbadores... A mídia musical esgotou-se e busca se reinventar a partir de um passado recente, não ainda revisitado? A rotina do século XXI e a sobreposição dos diversos tempos da vida cotidiana fazem crer que 20 anos é tempo em demasia? Mudaram-se as referências entre as representações de passado, presente e futuro? (Sim, não se descarte a hipótese de que, quem escreveu este texto seja já velho e não se tenha dado conta disso...).

Não posso terminar com frase de efeito ou conclusões. No momento em que se vive é difícil obter um razoável distanciamento que propicie uma análise o mais isenta possível (se é que isso existe), uma vez que o próprio pesquisador é sujeito dessa história, em curso. Apenas, a única provável certeza que deva ser sugerida, aqui: a probabilidade de inscrever candidatos que fizeram sucesso há cerca de 20 anos, no concurso Rei Majestade é, quase certamente, uma estratégia de *marketing* que o hábil Sílvio Santos soube aplicar com boa desenvoltura.

Referências Bibliográficas

- Schafer, R. Murray. (1991). *O ouvido pensante*. São Paulo: Edunesp.
- . (2001). *A afinação do mundo*. São Paulo: Edunesp.
- Zumthor, Paul. (1997). *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Educ.
- . (2005). *Escritura e nomadismo*. São Paulo: Ateliê Editorial.